



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS I**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**

**JOZELMA OLIVEIRA PEREIRA**

**A NOÇÃO DE ARTE NO LIVRO III DA OBRA SCHOPENHAUERIANA *O MUNDO COMO VONTADE E COMO REPRESENTAÇÃO***

**CAMPINA GRANDE – PB**

**FEVEREIRO DE 2016**

**JOZELMA OLIVEIRA PEREIRA**

**A NOÇÃO DE ARTE NO LIVRO III DA OBRA SCHOPENHAUERIANA *O MUNDO COMO VONTADE E COMO REPRESENTAÇÃO***

**Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de  
Filosofia da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito para a  
obtenção do grau de licenciada em  
Filosofia**

**Orientador: Prof. Dr. Julio Cesar  
Kesting**

**CAMPINA GRANDE**

**FEVEREIRO 2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P436n Pereira, Jozelma Oliveira  
A noção de arte no Livro III da obra Schopenhaueriana O mundo como vontade e como representação [manuscrito] / Jozelma Oliveira Pereira . - 2016.  
17 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. Julio Cesar Kesting, Departamento de Filosofia".

1. Filosofia 2. Filosofia Alemã 3. Representação 4. Consolo Existencial I. Título.

21. ed. CDD 193


**JOZELMA OLIVEIRA PEREIRA**

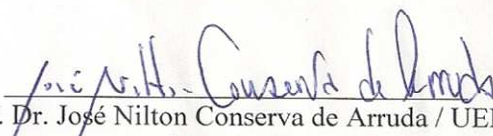
**A noção de arte no livro III da obra schopenhaueriana “*O mundo como vontade e como representação*”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 17/02/2016.

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Julio Cesar Kesting / UEPB  
Orientador

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB  
Examinador

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB  
Examinador

## SUMÁRIO

1. Resumo.....	4
2. Abstract.....	5
3. Introdução.....	6
4. Objetivos.....	9
5. Fundamentação teórica ou revisão de literatura .....	9
6. Metodologia.....	10
7. Resultados.....	10
8. Discussão .....	13
9. Considerações Finais .....	15
10. Referências .....	17

**A NOÇÃO DE ARTE NO LIVRO III DA OBRA SCHOPENHAUERIANA *O MUNDO  
COMO VONTADE E COMO REPRESENTAÇÃO***

**Aluna: Jozelma Oliveira Pereira**

**Orientador: Prof. Dr. Julio Cesar Kesting**

**1. RESUMO**

Publicada no ano de 1819 a obra filosófica *O mundo como vontade e como representação* de Arthur Schopenhauer (1788-1860) tem na sua terceira parte um registro da sua concepção estética. O filósofo alemão parte do pressuposto de que o mundo existe como representação para um sujeito. Por meio do princípio de razão, isto é, do tempo, do espaço e da causalidade (matéria), formas *a priori* de nossa representação, obtemos um juízo sobre o mundo e as coisas que nos rodeiam. Apropriando-se da *Ideia platônica* para demonstrar como o indivíduo se interioriza ou *se perde* na contemplação artística, Schopenhauer considera que esta é possível apenas a um tipo de homem – ao gênio. O gênio é o único ser humano capaz de abdicar de forma consciente aos interesses da Vontade, sendo esta responsável pela tragicidade do mundo real. Assim o sujeito encontra na arte um consolo existencial, cuja aquisição da contemplação é sentida através da Ideia. A arte, pois, adquirida como um refúgio consciente da Vontade, é capaz de tornar a vida de cada um mais suportável. Nesta perspectiva, podemos perceber como Schopenhauer nos apresenta a importância da arte na construção da identidade do indivíduo e de que forma tal contribuição pressupõe uma mudança prévia no sujeito. O indivíduo abarcado pelo sofrimento do mundo, encontrando na expressão artística um consolo existencial.

**Palavras-chave:** Representação; Arte; Consolo existencial.

# THE NOTION OF ART IN THE THIRD BOOK OF '*THE WORLD AS WILL AND REPRESENTATION*' BY ARTHUR SCHOPENHAUER

## 2. ABSTRACT

Published in 1819, *The World as Will and Representation*, Arthur Schopenhauer's magnum opus, contains in its third book an exposition of his aesthetic theory. To the German philosopher, the world exists as representation to the individual. By means of the principle of reason, i.e., the time, the space and the causality or matter, aprioristic forms of representation, it's possible to obtain an opinion about the world and the things within it. Utilizing Plato's concept of *Idea* to demonstrate how an individual internalizes the artistic contemplation, Schopenhauer considers that a high level of contemplation is only possible to the genius. The genius is the human being capable of consciously relinquishing the *Will* urges that are cause to the 'tragicity' of the world and finds in art an existential consolation by means of contemplating the *Idea*. Art acts as a shelter against the urge of the *Will* and makes life something more bearable. We can notice how Schopenhauer presents the importance of art in constructing a unique identity after a previous change in the individual that, immersed in the suffering of the world, finds existential solace in artistic expression.

**Keywords:** Representation; Art; Existential consolation.

### 3. INTRODUÇÃO

No primeiro, segundo e terceiro livros de sua obra *O mundo como vontade e como representação* (MVR<sub>1</sub>), publicada pela primeira vez em 1819, Arthur Schopenhauer desenvolve os aspectos essenciais de sua Metafísica: Metafísica gnosiológica, Metafísica da vontade e Metafísica do Belo.

No primeiro livro apresenta os princípios primeiros e últimos de sua teoria do conhecimento, isto é, sua teoria do mundo como representação. Segundo o filósofo, toda representação só é possível através do *princípio de razão* suficiente, ou seja, do tempo, do espaço e da causalidade (matéria). Através destas formas *a priori* o sujeito chega a um juízo sobre o mundo.

Na segunda parte do MVR<sub>1</sub> o pensador desenvolve, por sua vez, a Metafísica da Vontade, esta relacionada a tudo o que vive, inclusive sendo ela responsável pela tragicidade do mundo.

Na terceira parte de seu escrito principal Schopenhauer apresenta a importância da criação artística na construção e modificação da identidade do sujeito. Com ajuda da contemplação artística o sujeito se liberta do *ímpeto cego* da Vontade tornando-se um sujeito sem interesses, ou seja, se ocupando com a obra artística e livrando-se da escravidão da Vontade.<sup>1</sup> A contemplação pura e simples – sem interesses – é uma finalidade do conhecimento artístico. Schopenhauer evidencia que para obtermos o conhecimento estético é necessário elevarmo-nos ao conhecimento da Ideia. A Ideia é o objeto primeiro e último de toda contemplação artística.

A doutrina das ideias de Platão conduz ao resultado de que todas as coisas individuais, efêmeras, objetos da experiência, não possuem nenhum ser verdadeiro, mas sim um devir e perecer contínuos; por conseguinte, tanto são quanto não são. Por isso, é impossível o conhecimento verdadeiro delas, pois este só pode sê-lo daquilo que é imutável. [...] essas ideias platônicas são justamente os graus de objetivação daquela vontade que constitui o em-si do mundo. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 33).

A expressão artística é responsável pela mudança de estado do sujeito; promove desta forma, um consolo existencial. Através da arte o sujeito liberta-se da dor e da tragicidade do mundo. A arte é o único modo de conhecimento capaz de atingir tal feito. Desta forma,

1“O objeto de sua contemplação destaca-se da torrente fugidia das coisas e se torna um representante do todo. Ocorre um corte vertical na horizontalidade fenomênica, quando, então, desaparecem o indivíduo e os seus interesses vinculados à Vontade, e, simultaneamente, o sofrimento some da consciência” (BARBOSA, 2003, p. 39).



[...] qual modo de conhecimento considera unicamente o essencial propriamente dito do mundo, alheio e independente de toda relação, o conteúdo verdadeiro dos fenômenos, não submetido à mudança alguma e, por conseguinte, conhecido com igual verdade por todo o tempo, numa palavra, as IDEIAS que são a objetividade imediata da coisa em si, a Vontade? – Resposta: é a ARTE, a obra do gênio. Ela repete as ideias eternas apreendidas por pura contemplação, o essencial e o permanente dos fenômenos do mundo, que, conforme o estofa em que é apreendido expõe-se como arte plástica, poesia e música. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 253).

Destarte na sua filosofia Schopenhauer se distancia de muitos posicionamentos sobre a arte na sua época, sobremaneira daquele que identificava na estética um conjunto de preceitos próprios de uma escola. A estética não é uma disciplina prescritiva. Essencial neste sentido apresenta-se a distinção que o filósofo efetua entre o termo *estética* e o termo *metafísica do belo*.

A estética ensina o caminho pelo qual o efeito do belo é atingido, dá regras às artes, segundo as quais elas devem criar o belo. A metafísica do belo investiga a essência íntima da beleza, tanto no que diz respeito ao sujeito que possui a sensação do belo quanto ao objeto que a ocasiona”. (SCHOPENHAUER, 2003, p. 24).

Baumgarten entendia que o fim da *Estética* seria a perfeição do conhecimento sensível como tal<sup>2</sup>; Schopenhauer, por sua vez, partilha com ele o pensamento de que o belo depende de um tipo de conhecimento, porém mostra certo descontentamento quanto ao conceito de perfeição por parecer muito próximo a concepção filosófica de Leibniz. Quanto a Kant julga o filósofo, que suas análises “por mais judiciosas que se mostrem às vezes, são indiretas, referem-se apenas ao ‘juízo de gosto’ e até essa expressão lhe parece infeliz: ‘Seu ponto de partida é o veredicto de outrem, o juízo sobre o belo, e não o belo’”<sup>3</sup>. Hegel na sua *Estética* compreende a beleza artística como algo que nasce duas vezes do espírito e que tanto o espírito como suas criações encontram-se *acima* da natureza e de suas manifestações, de modo que o belo artístico se encontra também acima da beleza da natureza.<sup>4</sup> Na sua concepção própria de metafísica do belo Schopenhauer une-se expressamente a visão platônica de Ideia, de modo que o conhecimento estético tem a ver com o descobrimento intuitivo da Ideia, postada além das formas do princípio de razão, quais sejam, o tempo, o espaço e a causalidade. Schopenhauer expõe o problema fundamental da metafísica do belo da seguinte forma:

2Cf. ABBAGNANO, 2003, p.372.

3LEFRANC, 2005, p. 191.

4Cf. HEGEL, 1996, p. 27-29.

Pode-se muito facilmente exprimir assim o problema fundamental da metafísica do belo: como é possível que um objeto nos dê contentamento e alegria, sem que exista relação alguma com a nossa vontade? [...] Minha solução é que, no belo, apreendemos as formações essenciais e originárias da natureza animada ou inanimada, e que essa apreensão tem como condição, por correlato essencial, *o sujeito do conhecimento puro de toda vontade*, isto é, uma pura inteligência, sem planos nem metas. (SCHOPENHAUER, 2003, p. 490-491).

Assim, Schopenhauer entende a arte como *exposição de Ideias* ou como um modo de consideração das coisas independente do princípio de razão. A arte é um conhecimento puro dos diferentes graus de objetivação da Vontade. Na arte o gênio intui o essencial do mundo, o conteúdo verdadeiro de todos os fenômenos, a verdade imutável, as Ideias. Destarte o objeto da arte não é uma coisa isolada nem um conceito, mas somente a Ideia: “Conhecimento da Ideia [...] é o fim da arte”<sup>5</sup>.

Nos seus diferentes diálogos Platão parte sempre do pressuposto que aquilo que os sentidos humanos percebem não tem nada a ver com o verdadeiro conteúdo do ser. As coisas percebidas no tempo estão em constante mudança, notamos que elas nunca permanecem as mesmas. Pergunta-se, então, como é que esses objetos em constante mudança

poderão ser expressão de uma verdade intemporal e imutável? Platão defende a tese, em polêmica contra o relativismo heraclítico e sofístico-protagoriano, que para além das coisas do mundo deveria haver algo que estivesse ainda em contato com as coisas, mas que não seria idêntico às mesmas. A relação entre a inconsistência dos objetos e o fundamento imutável da verdade é especificada por Platão como relação entre o original e a cópia. As coisas seriam na realidade cópias de originais, cópias de Ideias. (KESTERING, 2015, p. 15).

Desta forma, apenas o gênio ou *o puro sujeito do conhecimento* é capaz de desenvolver e de estimular a contemplação artística. Tal distinção concedida ao gênio o distancia cada vez mais do que Schopenhauer chama de *homem comum*. Este último não consegue chegar à contemplação das Ideias e assim não consegue produzir uma mudança significativa na sua própria existência. Para que obtenha a satisfação estética, o gênio necessita dos seus sentidos e não apenas da Ideia para tornar possível a assimilação de determinado objeto. As artes que são feitas e/ou contempladas pelo gênio artístico, estão agrupadas em graus do menor ao mais elevado nível de objetivação da Vontade. No nível menos elevado de objetivação da Vontade encontra-se a arquitetura; a música representa o nível mais elevado de objetivação da Vontade, sendo considerada por Schopenhauer a mais bela e

<sup>5</sup>SCHOPENHAUER, 2005, p. 321.

mais majestosa das artes, “um exercício oculto de metafísica no qual a mente não sabe que está filosofando”. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 367).

#### 4. OBJETIVOS

##### GERAL

\* Conhecer como Schopenhauer concebe a questão da arte no terceiro livro de sua obra filosófica *O mundo como vontade e como representação*.

##### ESPECÍFICOS

\* Fazer uma análise dos pressupostos conceituais que ajudam na compreensão dos textos filosóficos schopenhauerianos.

\* Compreender a distinção efetuada por Schopenhauer entre Representação, Ideia e Vontade.

\* Esclarecer sobre as razões que identificam o conhecimento da Ideia como o fim da arte.

\* Explicitar a essência do gênio como capacidade preponderante a contemplação artística.

\* Entender as causas dos diferentes modos de efeito das obras de arte no observador.

\* Explicar a diferença efetuada por Schopenhauer entre o belo e o sublime.

\* Apresentar a ordem ou a hierarquia das artes conforme a concepção schopenhaueriana.

\* Compreender as razões que levaram Schopenhauer a entender a tragédia como sendo a exposição máxima da arte poética.

#### 5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA OU REVISÃO DE LITERATURA

Nas nossas investigações partimos da compreensão dos pressupostos da *Representação* presente no livro I da obra MVR<sub>1</sub>; em seguida, aprofundamos a questão metafísica da Vontade presente no livro II; por fim nos detemos na compreensão schopenhaueriana da estética presente sobremaneira nas exposições da III parte da obra MVR<sub>1</sub>. Mas também a obra *Metafísica do Belo*, a qual contém as preleções sobre a arte apresentadas pelo filósofo na Universidade de Berlim no

período entre 1820-1822, foi objeto de nossa reflexão. Os estudos pertinentes a este trabalho procuram identificar qual modo de conhecimento pode ser apreendido pelo gênio, identificado como puro sujeito do conhecimento, e de que forma este se distancia conscientemente do domínio da Vontade.

Procuramos esclarecer e identificar estas e outras questões relacionadas à importância da arte na existência. Sobretudo a temática do corpo mereceu um aprofundamento maior devido a sua importância na relação entre sujeito e o objeto artístico na identificação da fruição do belo.<sup>6</sup>

## 6. METODOLOGIA

Nossa investigação acerca da concepção estética apresentada por Schopenhauer centrou-se sobremaneira no terceiro livro da sua principal obra *O mundo como vontade e como representação*. Entretanto, fomos conduzidos pouco a pouco às suas preleções sobre a arte intituladas *Metafísica do Belo*. Esses dois textos serviram de suporte para as categorias centrais que procuramos desenvolver ao longo da nossa investigação, quais sejam: Representação, Vontade e Ideia. A compreensão de tais conceitos da filosofia schopenhaueriana são essenciais para a compreensão do pensamento artístico do autor.

Além das obras do próprio autor como referencial teórico, fizemos uso de dissertações, teses, e outras produções que destacam a temática e a significância da arte para a filosofia. Estes materiais foram de grande importância para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Portanto, nossa pesquisa se desenvolveu no campo de investigação teórica e bibliográfica, de temática, sobremaneira, relativa à Filosofia. Por fim, trabalhamos as ideias elencadas da seguinte forma: leituras, fichamentos e análises bibliográficas selecionadas.

## 7. RESULTADOS

No primeiro livro da sua obra principal Schopenhauer parte do princípio de que o mundo é representação para o sujeito. A dependência da representação para com o sujeito que o representa é apresentada através do princípio de razão, ou seja, do tempo, espaço e da causalidade. Tal princípio

<sup>6</sup>Cf. BEZERRA, D. A. **Do corpo próprio**: Uma sabedoria de vida conduzida pela compreensão da máxima “Isto és tu” (TCC). Campina Grande, 2012.

possibilita a experiência da representação do sujeito e, por conseguinte, o conhecimento do mundo no que confere as representações abstratas ou intuitivas, puras ou empíricas. Neste sentido afirma Schopenhauer;

‘O mundo é minha representação’. Essa é uma verdade que vale em relação a cada ser que vive e conhece, embora apenas o homem possa trazê-la à consciência refletida e abstrata. E de fato o faz. Então nele aparece a clarividência filosófica [...] Tornasse-lhe claro e certo que não existe sol algum e terra alguma, mas sempre apenas um olho que vê um sol, uma mão que toca a terra. Que o mundo a cerca-lo existe apenas como representação, isto é, tão somente em relação a outrem, aquele que representa, ou seja, ele mesmo. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 43).

No segundo livro a Vontade apresenta-se como pressuposto geral do fato que a vida existe. A vida, por sua vez, é suscetível a diferentes objetivações da Vontade. As objetivações da Vontade não estão relacionadas às nossas faculdades em geral com suas respectivas funções; elas se revelam em todos os fenômenos possíveis que podemos observar na natureza. Onde acontece alguma mudança na natureza isso só acontece porque o fazer-efeito da Vontade está ali se manifestando.

Para Schopenhauer, a vontade constitui o centro do mundo e o núcleo das coisas. Ela não é apenas livre, é absolutamente poderosa. É força que age na natureza e desejo que move o homem. Mas antes de objetivar em diversos fenômenos, de se exprimir na multiplicidade dos indivíduos, a vontade se objetiva em formas eternas, imutáveis, que não estão nem no espaço nem no tempo. Schopenhauer chama essas formas de Ideias Platônicas. Elas são os modelos e os arquétipos das coisas particulares, as primeiras objetivações do querer na natureza, realidades intermediárias entre a vontade uma e a multiplicidade das individualidades. Poder-se-ia dizer que, como impulso cego e gratuito, como anseio ávido de vida, a vontade se objetiva imediatamente em Ideias e mediamente em fenômenos. (DIAS, 2005, p. 5).

Mas qual seria a relação existente entre a Vontade em geral e a vontade do ser humano. Para Schopenhauer o ser humano não é livre, de modo que cada ação isolada do mesmo “se segue com estrita necessidade a partir do efeito provocado pelo motivo sobre o caráter”. (SCHOPENHAUER, 2005, 172). Certamente aqui nos deparamos com uma das raízes do pensamento pessimista schopenhaueriano. O mundo é visto, a partir desses pressupostos, como o pior mundo possível. Com isso,

[...] também estamos diante de uma de suas teses polêmicas contra o conceito de história da filosofia clássica alemã, sobretudo contra aquela de Hegel. [...] Schopenhauer nega que a história seja uma ciência; um ponto de vista estático-parmenidiano caracteriza seu pensamento metafísico, e conseqüentemente, antropológico. Isso não era na época somente uma afronta ao pensamento hegeliano, mas também a Marx e a Engels, para os quais, como sabemos, o conceito de história era *o em kai pan*. (KESTERING, 2015, p. 15).

Já no terceiro livro do MVR<sub>1</sub>, assim como também nas suas preleções sobre a *Metafísica do Belo* Schopenhauer expõe sua concepção própria de arte. Suas exposições culminam com a constatação de que “que o ser humano mais do que qualquer outra coisa, é belo, e a manifestação de sua essência é o fim supremo da arte”. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 284). O conhecimento artístico está relacionado à apreensão da Ideia. Conhecer objetos significa representá-los; conhecer uma Ideia, ao contrário, significa *contemplá-la*. Na contemplação de uma Ideia o estado do sujeito se transforma, ele se torna sujeito puro e *perde-se* por completo. No ato da perda de si próprio, na contemplação estética, a individualidade desaparece, passa a existir uma identidade entre aquele que contempla e aquilo que é contemplado.

Schopenhauer pergunta, pois, pelo meio através do qual se dá o conhecimento que considera o essencial do mundo, o conteúdo verdadeiro de todos os fenômenos, a verdade imutável, a Ideia? Esse conhecimento segundo o filósofo só pode ser possibilitado pela arte, pela obra do gênio. Para Schopenhauer, todo objeto que deixa reconhecer uma Ideia como objetivação da Vontade é belo; mas é preciso dizer que nem todo objeto estimula de modo igual o observador à perda de si próprio na intuição. Schopenhauer estabelece assim uma ordem entre o menor e o maior grau de objetivação da Vontade. Na articulação dessa hierarquia a arquitetura se encontra no nível mais baixo, a tragédia no nível mais elevado. Para a arte musical Schopenhauer não encontrou nenhum lugar neste sistema; mas ela é, finalmente identificada como a arte poderosa e penetrante. O filósofo resume sua própria concepção de arte da seguinte forma:

A fruição do belo, o consolo proporcionado pela arte, o entusiasmo do artista que faz esquecer a penúria da vida, essa vantagem do gênio em face de todos os outros homens, única que o compensa pelo sofrimento que cresce na proporção de sua clarividência e pela erma solidão em meio a uma multidão humana tão heterogênea, tudo isso se deve [...] ao fato de que o Em-si da vida, a Vontade, a existência mesma, é um sofrimento contínuo, e em parte lamentável, em parte terrível; o qual, todavia, se intuído pura e exclusivamente como representação, ou repetido pela arte, livre de tormentos, apresenta-nos um teatro pleno de significado. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 349-350).

O consolo proporcionado pela expressão artística faz o sujeito esquecer momentaneamente a trágica realidade do mundo.

## 8. DISCUSSÃO

Como vimos, na sua filosofia Schopenhauer identifica a arte como fundamento de uma filosofia do consolo, gestada a partir da tragicidade do real. O indivíduo que serve inconscientemente a Vontade, considerado por Schopenhauer como o *homem comum*, este que a natureza produz aos milhares, se distancia cada vez mais do ideal de sujeito, chamado de puro sujeito do conhecimento. Este ao contemplar a obra artística, não é mais ele mesmo, mais puro sujeito do conhecimento: destituído de vontade e de sofrimento encontra na arte um “perder-se” por completo das relações que lhe causara dor e sofrimento, e principalmente da figura do trágico que o cerca.

Quando [...] uma ocasião externa ou uma disposição interna nos arranca subitamente da torrente sem fim do querer, libertando o conhecimento do serviço escravo da Vontade, e a atenção não é mais direcionada aos motivos do querer, mas, ao contrário, à apreensão das coisas livres de sua relação com a Vontade, portanto sem interesse, sem subjetividade, considerando-as de maneira puramente objetiva, estando nós inteiramente entregues a elas, na medida em que são simples representações, não motivos;- então aquela paz, sempre procurada antes pelo caminho do querer, e sempre fugidia, entra em cena de uma só vez por si mesma e tudo está bem conosco. (SCHOPENAHEUR, 2005, p. 267).

Para explicitar a relação entre os tipos de arte e o estado de identificação do sujeito, Schopenhauer parte do princípio de que os diferentes graus de objetivação da Vontade correspondem aos níveis de apreensão da ideia de humanidade presente no sujeito, a arquitetura está no mais baixo grau de objetivação, e a música no mais elevado. A arquitetura é apresentada em seu grau menos elevado, por conter características que se distancia da Ideia de humanidade, a exemplo da rigidez, da gravidade que se relaciona a pedra, mas que só serve aos fins da *vontade* humana, ao proporcionar abrigo e conforto, não estando a serviço do conhecimento do indivíduo, portanto, não há resquício suficiente de humanidade no sentido contemplativo, propriamente dito. Depois temos a hidráulica artística, esta que se limita a fluidez de si mesma, logo, se utilizada para fins estéticos nem sempre chega ao esperado. Em seguida temos a jardinagem e a pintura de paisagem.

Duas artes se ocupam com a manifestação de suas Ideias: a bela *jardinagem*, na medida em que, à maneira da arquitetura, coloca o objeto ao espectador para facilitar-lhe a apreensão, e a *pintura de paisagem*, na medida em que repete as imagens as Ideias apreendidas. (SCHOPENHAUER, 2001, p.149).

Logo após temos as Ideias apreendidas em especial pela pintura; possuem graus da Vontade, mais expressivos, pois sua satisfação artística se apresenta de maneira subjetiva em um grau um pouco mais elevado, colocando a pintura de paisagem em um grau mais superior que as artes anteriores. As pinturas constituem uma forte relação com o caráter subjetivo do indivíduo apreendido pela Ideia. Por conseguinte temos a pintura de animais, estes que por constituir um espelho do qual o homem vê a si mesmo. Tal Ideia apreendida se relaciona com a vontade, mas, sobretudo com a apreensão de ver-se no próprio objeto contemplado, é um “perder-se” no objeto que o sujeito se liberta da Vontade conscientemente.

Como as artes plásticas, a arte poética (lírica e trágica), também tem a finalidade de manifestar Ideias através do objeto contemplado; mas são diferentes das artes plásticas que apresentam suas Ideias através de Ideias intuitivas, ou seja, elas acontecem através da apreensão de conceitos, estes adquiridos pela complexidade da capacidade do sujeito em elaborá-los. Por conseguinte temos a arte mais majestosa, a música, esta que se relaciona harmonicamente com a filosofia; a diferença entre ambas é que, a primeira se preocupa com os tons que representam a linguagem das artes mencionadas anteriormente, e a segunda se refere aos conceitos que a música oferece. A música é a expressão universal revelada através de uma linguagem também universal, compreendida com a mais clara expressão que, por pertencer ao domínio da representação, expressa por meio dos seus tons o que foi exposto pelas artes anteriores como universalidade; tais tons são a exteriorização da vontade feita por meio da matéria, é o conflito da Vontade consigo mesma.

Entretanto, no ato da perda de si próprio – pelo menos momentaneamente –, na contemplação a individualidade desaparece, passa a existir uma identidade entre aquele que contempla e aquilo que é contemplado.

A gente se PERDE por completo nesse objeto, isto é, esquece o próprio indivíduo o próprio querer, e permanece apenas como claro espelho do objeto – então é como se apenas o objeto existisse, sem alguém que o percebesse, e não pode mais separar quem intui da intuição, mas ambos se tornam unos, na medida em que toda a consciência é integralmente preenchida e assaltada por uma única imagem intuitiva. Quando, por assim



dizer, o objeto é separado de toda relação com algo exterior a ele e o sujeito de sua relação com a Vontade, o que é conhecido não é mais a coisa particular enquanto tal, mas a IDEIA, a forma eterna, a objetividade imediata da Vontade neste grau. Justamente por aí, ao mesmo tempo, aquele que concebe na intuição, e sim atemporal PURO SUJEITO DO CONHECIMENTO destituído de Vontade e sofrimento. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 246).

Nesse sentido surge a exteriorização da expressão artística, ou seja, o sujeito como autor da arte é ao mesmo tempo protagonista da sua história, este sendo o único que tornara sua existência plena de significado. A arte é o único modo de tornar a vida do sujeito repleta de significância diante da trágica existência no palco do mundo.

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento das Ideias se apresenta ao puro sujeito do conhecimento, como uma facilitação à contemplação artística. Nesse sentido, a arte é sempre um meio de facilitação da contemplação artística e, por conseguinte das Ideias, mas, o conhecimento da mesma para o sujeito apenas se torna dotada de significância quando ele (sujeito – puro sujeito do conhecimento) esclarece algo sobre sua própria existência, considerada por Schopenhauer como sendo repleta de dor e sofrimento constantes. Apenas a expressão artística é capaz de proporcionar ao indivíduo um consolo ocasional, tornando sua existência plena de significado.

A arte [...] encontra em toda parte o seu fim. Pois o objeto de sua contemplação ela o retira da torrente do curso do mundo e o isola diante de si. E este particular, que na torrente fugidia do mundo era uma parte ínfima a desaparecer, torna-se um representante do todo, um equivalente no espaço e no tempo do muito infinito. A arte se detém nesse particular. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 253).

Nesse sentido, ao conceber a expressão artística como plena de significância para a trágica existência do sujeito, é necessário que haja o desprendimento da Vontade. Isso acontece com a produção do gênio. Desta forma, ele proporciona um consolo ocasional diante da trágica e perversa existência no palco do mundo.

Para Schopenhauer indiferente de qual seja a forma de arte que se tem em mente, sua intenção comum mostra-se no fato que todas não almejam a produção de uma obra apenas

agradável, mas objetivam ilustrar o belo e o sublime. Tais artes possuem seu valor e legitimidade no conhecimento que as mesmas podem proporcionar ao ser humano sobre seu ser no mundo e principalmente sobre o sentido de sua própria existência. A arte é um meio de facilitação para a contemplação das Ideias. Mas o conhecimento das ideias apenas possui sentido para o ser humano na medida em que este consegue esclarecer algo sobre a própria existência, considerada por Schopenhauer como plena de dor e sofrimento constantes. “A arte é capaz, desta forma, de promover *um certo* engrandecimento da vida; perante o sofrimento ela pode nos oferecer um alento. Quem padece de dor, tristeza, doença, morte possui necessidade da visão e da escuta de algo belo” (KESTERING, 2015, p. 26). A arte pode proporcionar ao ser humano um consolo ocasional em meio ao sofrimento constante, tornando, assim, possível uma existência dotada de significado.

Para finalizar nossa pesquisa gostaríamos de dizer que o terceiro livro da obra principal de Schopenhauer foi muito apreciada no tempo de sua publicação, influenciando escritores e pintores já a partir do final do século XIX; além disso, teve papel fundamental na formulação dos conceitos da primeira obra de Nietzsche *O nascimento da tragédia* de 1871, assim como também na estruturação musical do famoso compositor alemão Richard Wagner.<sup>7</sup>

<sup>7</sup>Cf. LEFRANC, 2005, p. 189.

## 10. REFERÊNCIAS

### A) REFERENCIAL TEÓRICO PRIMÁRIO DA PESQUISA

SCHOPENHAUER, Arthur. Livro terceiro: Do mundo como representação: segunda consideração: a representação independente do princípio de razão: a Ideia platônica: o objeto da arte. *In: \_\_\_\_\_* **O mundo como vontade e como representação**. Tradução de Jair Barbosa. São Paulo: UNESP, 2005.

\_\_\_\_\_. **Metafísica do Belo**. São Paulo: UNESP, 2003.

### B) REFERENCIAL TEÓRICO SECUNDÁRIO DA PESQUISA

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BARBOSA, J. **Schopenhauer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. (Coleção Passo-a-Passo).

BEZERRA, D. A. BEZERRA, D. A. **Do corpo próprio**: Uma sabedoria de vida conduzida pela compreensão da máxima “Isto és tu” (TCC). Campina Grande, 2012.

DIAS, R. M. **Nietzsche e a Música**. São Paulo: Editora Unijuí, 2005.

HEGEL, G.W.F. **Estética** (Os pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1996.

KESTERING, J. C. **Schopenhauer**. A arte como conhecimento de exceção. Revista Lampejo. 1 semestre de 2015. Fortaleza: Vol. 1 – N. 7, p. 1-27.

LEFRANC, J. **Compreender Schopenhauer**. Petrópolis: Vozes, 2005.